



PORTUGAL DEMOCRÁTICO

ANO III ■ N.º 30 ■ SÃO PAULO, NOVEMBRO DE 1959 ■ Cr\$ 5,00

Os Portugueses Livres Comemoraram o Cinco de Outubro

Com mais eloquência do que todas as palavras, provaram as três centenas de portugueses que em São Paulo se reuniram para comemorar a data inesquecível do "Cinco de Outubro" ser não só possível mas ainda necessária, sendo imprescindível, a união de todos os democratas. Para solidificar melhor o grande movimento contra a ditadura fascista de Salazar; para dar um sentido verdadeiramente democrata à batalha fundamental onde podem e devem caber todos, sem distinção de ideologias às quais por ventura cada um se considere ligado; e para dar a certeza ao ditador e seus fâmulos que, no Brasil, como em Portugal, na Venezuela ou no Canadá, onde quer que viva um português que entenda seu o direito de ser livre, digno e Português — a união será mantida, ninguém reivindicará filiações partidárias, antes do dia da Libertação da Pátria espelhada.

De vários pontos do Brasil e de outros países onde os portugueses se uniram para combater o fascismo, chegaram a São Paulo as mais claras demonstrações de simpatia a este reduto de anti-salazaristas que, dia a dia, se torna mais forte, mais combativo e mais certo de que na batalha contra a ditadura têm de alinhar todos os democratas portugueses. Foi, com efeito, na Capital Bandeirante que maior número de portugueses se reuniu para festejar o "Dia da República". Acontecimento que não é, acaso, de circunstância, pois que em boa parte pode inspirar-se também na intemerata dedicação que os Paulistas

sempre demonstraram pela Democracia. O grandioso banquete presidido pelo Comandante João Sarmento Pimentel, democrata de antes quebrar que torcer, senhor de uma posição moral que trinta anos de exílio transformaram num símbolo, teve, desta vez, para lá de uma assistência nunca até então verificada, a presença de personalidades paulistas que convém destacar, a começar pela do Vice-Governador do Estado de São Paulo, sr. General Porphyrio da Paz, assim como do representante do Comandante Geral da Força Pública, sr. Capitão António Pais de Barros, e do Comandante dos Bombeiros, sr. Tenente Coronel Pedro Alves de Brito, além de representantes sindicais, estudantis e de outras associações Bandeirantes.

Foi, pois, uma reunião em que estiveram não apenas muitos dos Democratas Portugueses de São Paulo, mas também os lídimos representantes do Povo Paulista que tanto tem prestigiado a Causa de Portugal Livre, Democrático e desejo de quebrar as grilhetas salazaristas. Foi a união inteira entre os portugueses que combatem a tirania e o apoio espiritual e sincero dos Brasileiros por uma batalha que, afinal, é sua também.

Sob uma revoadada de merecidos aplausos, o Comandante Sarmento Pimentel traçou, em breves palavras, o significado da reunião dos portugueses de São Paulo, depois de saudar as personalidades brasileiras presentes, e deu a palavra ao Prof. Dr. Victor Ramos, que falou em nome da comissão organizadora do banquete.



A mesa da presidência do jantar do Cinco de Outubro em São Paulo. O vice-governador de São Paulo, o capitão Sarmento Pimentel e a senhora de Paulo de Castro.



O general Delgado falando na A.B.I.

Temos de continuar unidos — declarou o Prof. Victor Ramos.

Nos últimos cinco anos — começou o orador — tenho tido a honra de falar sempre nesta reunião, primeiro em nome da Comissão organizadora do banquete, depois em nome da direção do «Portugal Democrático». Este ano levanto-me apenas, em primeiro lugar, para agradecer como um dos fundadores do nosso jornal, a 3 amigos devotados que, numa altura em que se chegou a pensar que esse grande órgão democrático se afundaria por falta de jornalistas que o mantivessem, se sacrificaram, roubaram um tempo precioso às suas ocupações profissionais e retomaram o facho elevando o nível do jornal e fazendo dele aquele porta-voz dos anseios democráticos de todos os presentes. Esses amigos a quem quero prestar hoje aqui a homenagem pública dos fundadores do «P. D.» são que a sua modéstia me perdõe, João Alves das Neves, Carlos Maria de Araújo e Fernando Lemos.

Em segundo lugar, eu desejaria dizer algumas palavras sobre aquilo que nós sabemos aqui da situação política do nosso país e sobre o novo caminho que a nossa luta deve tomar para se inserir nessa situação.

Passado o período de entusiasmo e de euforia das eleições, a situação política portuguesa está se sedimentando. A repressão àqueles que lutavam de peito aberto, foi grande. Como todos sabem, há centenas de presos políticos no nosso país, e isso gera muito desânimo e muito receio. Tudo isso é natural e humano. Assim mesmo, no entanto, acho que devemos ser otimistas. Para além de uma fachada calma, há grande ebulição, há uma situação que ferve, e essa situação ferve em nós, democratas, principalmente os que lutam lá em Portugal, que a impusemos. O salazarismo não cede nada de bom grado. Mesmo as mais pequenas concessões devem-se sempre à nossa luta.

Quando sabemos, por exemplo, que a PIDE deu liberdade aos oficiais de baixa patente implicados na revolta de Marco para se apresentarem ou não, à intimação feita, permitindo além disso, àqueles que o quisessem fazer, que fossem acompanhados por oficial de patente pelo menos igual à sua, eu acho que posso concluir que isto representa uma fraqueza da PIDE, uma cedência, que nós, democratas, lhe impusemos.

Quando sabemos, por exemplo, que foi possível ultimamente em Portugal uma greve de 70 dias, sem que a Polícia pudesse impedir os pais de fornecerem pão a crédito aos grevistas, acho que posso concluir daqui que isto representa um aspecto

(cont. na pág. 4)

UM "5 DE OUTUBRO" DE UNIDADE

Se olharmos para o caminho percorrido — e conosco olharem para ele os nossos fiéis leitores — chegaremos inevitavelmente à conclusão de que temos, para prosseguir na senda que escolhemos, os mais vigorosos motivos de orgulho. Há bem pouco tempo, no banquete excepcionalmente concorrido e vibrante, realizado em São Paulo sob a presidência da eminente figura de J. Sarmento Pimentel, e ao qual se dignaram assistir ilustres representantes das mais altas autoridades civis e militares do Estado de São Paulo, esses motivos receberam uma consagração pública. Tal consagração representa um conforto, um estímulo e uma segura esperança, pois que nela são envolvidos não só os princípios, como os métodos usados e os homens que, com a sua acção dedicada, persistente e tenaz, têm contribuído para desmascarar, aos olhos do Mundo como dos portugueses que a distância ou mal compreendidos interesses iludem, aquele simbólico monstro que é Salazar, aquela pérfida, hipócrita e covarde ditadura que é o seu governo.

Os princípios são bem simples: nenhum equívoco nas relações com essa gente que a toda a hora trai a dignidade da Pátria cujos destinos expropriaram; inteira fidelidade aos ideais democráticos, os únicos consentâneos com o presente e o futuro do Mundo, os únicos capazes de salvar Portugal do tenebroso abismo para que o arrasta a paralisia salazarista; dedicação absoluta à causa da liberdade e da justiça e àqueles normas de convívio e de respeito humanos que a Carta das Nações Unidas definiu e das quais o grupo que finge governar Portugal escarnece.

Os métodos também são simples, e daqueles princípios decorrem: unidade inabalável, sem discriminação de orientações políticas, na luta contra o anti-salazarismo; inteira lealdade e democrática tolerância nas relações mútuas, tendo em vista o inimigo comum; total desprezo por quaisquer manobras que visem a desviar os democratas de Portugal (que têm os olhos postos nos actos dos que vivem fora do cárcere que a Pátria é) da coragem, da decisão e do espírito de sacrifício, com que têm lutado e continuarão a lutar até à vitória final.

Os homens, esses, são e valem pelo quanto, com varonil humildade, souberam impôr os princípios e fazer respeitar os métodos que usam. A democracia cria-se com homens conscientes dos seus direitos e dos seus deveres, como patriotas e como cidadãos do Mundo. Os portugueses têm provado, em todas as circunstâncias, que sabem ser homens. Auxiliados por todos os que trabalham pelo bem comum, saberão também construir uma democracia, na qual haverá lugar para todos, onde todos respeitem a liberdade e a dignidade dos seus irmãos. Para isto, Portugal Democrático trabalhará incansavelmente, esperando da dedicação dos seus amigos, o reconhecimento da dedicação com que tem ido ao encontro dos seus irmãos: ser a voz livre de Portugal.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

Demissão, Salazar!

As centenas de portugueses que se reuniram no banquete comemorativo do «Cinco de Outubro» em São Paulo remeteram ao sr. Oliveira Salazar o seguinte telegrama de protesto:

«Os signatários, cidadãos portugueses, residente no Brasil, onde labutam e honram, cada um na medida das suas possibilidades, o nome do nosso País, reunidos no banquete de comemoração do 49.º aniversário da República Portuguesa, considerando unanimemente que a presença de V. Exa. à testa do governo é nefasta para o conagração da família portuguesa, sugerem-lhe se retire, permitindo com esse gesto a realização de eleições livres, capazes de reintegrar o nosso país no consenso democrático das nações».

VIVA A REPÚBLICA!

Quando, na madrugada de 31 de Janeiro de 1891, a guarnição do Porto, na sua quase totalidade, se revoltou contra o regime monárquico e, depois de formar no antigo Campo de Santo Ovídio, desceu para o centro da cidade, aos gritos de — Viva a República! — viram-se surgir, como por encanto, da névoa matinal, correndo nas ruas, desembocando das esquinas, irrompendo das janelas, indivíduos de todas as classes, sexo e idade que proclamavam em coro, com lágrimas de júbilo nos olhos: — viva a República! viva a República!

A consciência nacional, por tanto tempo oprimida, desabafava naqueles gritos, poucas horas depois sufocados nas angústias da derrota.

Mais tarde, durante o julgamento dos revoltosos, aconteceu que um soldado — simples aldeão da zona suburbana do Porto — apertado no torniquete dum interrogatório implacável sobre as razões que o tinham levado a revoltar-se, lembrou-se daquela explosão de entusiasmo popular e, voltando-se para o presidente do tribunal, exclamou com o semblante transtornado:

— Eu, meu senhor, não sei o que é a República, mas não pode deixar de ser uma coisa santa. Nunca na Igreja senti um calafrio assim. Perdi então a

Jaime Cortesão
cabeça como todos os outros. Todos a perdemos. Atiramos então as barretinas ao ar. E gritámos todos: — Viva, viva, viva a República! —

Este desabaço das multidões empolgadas pelo delírio repetiu-se em todo o País, a quando das jornadas vitoriosas do «Cinco de Outubro». Os portugueses, se não alcançavam a certeza esclarecida, tinham pelo menos a intuição de que a República era, como ideal, «uma coisa santa».

Resta-nos a todos os republicanos fazer a cada passo acto de consciência; unirmo-nos; actualizarmo-nos; renovar o velho lema de Liberdade, Igualdade e Fraternidade; tornarmo-nos dignos da bandeira que arvorámos, pela coerência entre idêia e acção, a disciplina, a coragem cívica e o espírito de sacrifício; vivificar o nosso ideal, iluminando os seus problemas com as claridades plenas da justiça social. Enfim, torna-se necessário, hoje como sempre, santificar pelos actos a República.

Para que todos os cidadãos, como naquela longínqua madrugada, rompendo por entre a névoa gélida, possam soltar com a mesma e sagrada convicção o grito de esperança, a caminho de realizá-lo: Viva a República!

O "CINCO DE OUTUBRO" COMEMORADO

to novo na situação política portuguesa, que nós, democratas, impusemos.

Quando nós sabemos, por amigos jornalistas brasileiros, recém-chegados de Portugal, que 90% das pessoas com as quais eles estiveram em contacto cotidianamente, se pronunciaram abertamente, francamente, contra o salazarismo, eu acho que podemos afirmar que isto representa uma posição de consciência política que o nosso país não tinha, e que fomos nós, democratas, pela nossa acção esclarecedora, que ajudamos a formar e a robustecer.

Quando nós sabemos que a população de Matosinhos se deslocou em peso à central da PIDE no Porto, na famosa rua do Heroísmo, para exigir a libertação de alguns pescadores, presos por motivos políticos e que conseguiu não só essa libertação,

de prática desse assunto que podemos afirmá-lo com conhecimento de causa) só será possível com a derrocada final do salazarismo. Tudo o resto não passa de uma tentativa desesperada de sobrevivência que é tão evidente que nos parece impossível como haja ainda quem acredite nela. Mantenhamo-nos pois unidos como, no plano da oposição democrática portuguesa no Brasil, temos estado nos últimos cinco anos, e estejamos certos que a vitória virá mais depressa.

Concluindo, o Prof. Dr. Victor Ramos sugeriu o envio de telegramas de saudação ao General Humberto Delgado e aos jornais «O Estado de S. Paulo», «Diário de Notícias», «Última Hora» e «Folhas» de São Paulo, sugestão que foi aceite por todos os presentes, assim como a de um telegrama para Salazar intimando-o a

semeiar os germes da destruição são os oligarcas, os tiranos, os violadores dos direitos divinos e humanos, os amesquinheiros da Pátria, os causadores da miséria e do empobrecimento da família portuguesa.

Não podemos ficar calados perante esta falsa denúncia do passado e do presente, porque, diz o ditado, quando a voz de um inimigo acusa, o silêncio de um amigo condena.

O passado é a única realidade humana que não podemos esquecer nem perder, e temos de julgar, com respeito, pois nele assenta o actual, e é o fundamento do futuro. O presente tem de ser considerado com prudência, com honestidade, com inteligência e com fé.

Hoje, como no século XIX, estamos em risco de perder terras ultramarinas, por causa dos interesses das companhias de negócios felizes, às



Centenas de portugueses assistiram ao banquete do "5 de Outubro"

como obrigou a PIDE a pagar a viagem de volta dos pescadores para Matosinhos, acho que podemos concluir que o fascismo português se encontra numa situação de enfraquecimento e que fomos nós, democratas, que o levamos a esse ponto.

Tudo isto, meus amigos, é apenas o preâmbulo para uma advertência que me parece útil fazer. O período heróico e brilhante das últimas eleições deixou-nos, como é lógico, insatisfeitos, perante tudo o que nos virá depois. Acabaram-se as acções espectaculares, os rasgos individuais, a campanha exaltante, que nos encheu de orgulho e de esperança. E, no entanto, não me parece exagero afirmar que a situação hoje deve encher-nos de tanto orgulho e de tanta esperança como a anterior. Simplesmente, ela é menos brilhante, menos espectacular. Agora, é a ocasião da luta inglória, sem repercussão imediata, do esclarecimento diário da opinião. Estes atos nem parecerem menos aparentes deixam de ser tanto ou mais valiosos. Agora é o período da acção de sapa, de corrosão interna, de apodrecimento do regime. E' a época da reestruturação, em bases mais sólidas, das organizações que permitiram exatamente o levantar de entusiasmo que acompanhou a campanha do general Humberto Delgado. Ora, serão todas estas tarefas, menos valiosas do que as anteriores? Parece-me francamente que não.

Entretanto, para que elas sejam mais eficientes, para que adquiram o seu pleno valor, é preciso que não exijamos da situação actual mais do que ela nos pode dar. E' preciso que não nos deixemos arrastar pelas soluções de aventura. E' preciso sobretudo, hoje, como ontem, como amanhã, que nos mantenhamos unidos, haja o que houver, sejam quais forem as vicissitudes que nos surjam pela frente. Este apelo à unidade é tão evidente que até pode parecer desnecessário. Infelizmente, porém, não é assim. E' precisamente nestes períodos de calma que surgem os cantos de sereia do salazarismo. E' exatamente nestas ocasiões que aparecem os amigos desinteressados dos oposicionistas sugerindo uma oposição construtiva, dentro da dignidade nacional, para pacificação da família portuguesa. Essa pacificação (e todos nós temos tantos anos

abandonar o poder. Ao primeiro e ao terceiro telegramas fazemos, nesta edição, destacada referência.

O sr. comandante João Sarmento Pimentel deu, em seguida a palavra ao orador oficial, dr. Rodrigo de Abreu, que há meses se refugiou na Legação de Cuba em Lisboa e que posteriormente se fixou no Brasil, onde continua integrado no movimento anti-salazarista. O líder democrático, empunhando a Bandeira da República Portuguesa, saudou todos os presentes e iniciou o seu vibrante discurso:

«Começo por saudar com esta bandeira verdadeira-rubra, Sua Excelência o Presidente da República do Brasil, o grande bastião da liberdade, no Mundo Livre, na pessoa do Senhor Vice-Governador, General Porfírio da Paz, Saúdo o Senhor Capitão António Pais de Barros, em representação do Comandante Geral da Força Pública, e o Senhor Coronel Alves de Brito, Comandante dos Bombeiros de São Paulo.

Com esta bandeira, símbolo da esperança e do sangue português, saúdo o decano da oposição Portuguesa no Brasil, o Presidente do Centro Republicano Português, em São Paulo, Comandante João Sarmento Pimentel, o grande patriota que mais de uma vez arriscou a sua vida, para defender a liberdade, para defender a democracia, para defender a Pátria e a República!

Saúdo, com esta bandeira, um combatente contra a ditadura, o Aragoão, do Porto, o mais recente emigrado, que escapou à gástrica de Salazar.

Com esta bandeira saúdo os Senhores Representantes das Associações portuguesas, e os Representantes da Imprensa, nomeadamente os de «Portugal Democrático», que, tão inteligente, valente e abnegadamente, tem lutado para que a nossa Pátria se liberte da oligarquia e da sanha de Salazar.

«Grande honra me concedeu o Centro Republicano de São Paulo, convidando-me para proferir, perante tão selecta assistência palavras solenes, para celebrar, para evocar, para trazer à memória o significado do facto da Revolução do 5 de Outubro de 1910.

E, mais adiante declarou: «O povo é sempre acusado de querer destruir tudo e todos, mas quem

quais estão ligados os homens maus da situação e alguns homens maus da oposição, que felizmente não estão aqui junto de nós. Se não queremos perder a República, se não queremos ver a nossa Pátria diminuída, temos de limpar a Oposição dos traidores que fingem estar conosco e estão ao serviço da situação.

Fingem-se democratas, mas estão



O Prof. Dr. Victor Ramos falou em nome dos organizadores das comemorações



O Comte. Sarmento Pimentel no uso da palavra.

ao serviço da plutocracia internacional e servem-se dos métodos da situação para provocarem a divisão entre nós — apelidam de comunistas os que defendem o povo!

Preparam uma quartelada para afastarem o general Humberto Delgado e põem no poder o Botelho Moniz. Preparam-se para passar a papel carbono o Salazarismo, para a pele do seu ventre.

Querem transformar a ditadura de Salazar em ditadura do Capital, porque não pensam em dar aos sindicatos os princípios atraídos e que a Constituição garante. Os trabalhadores serão tratados como escravos, porque os não deixarão participar nas decisões da produção. O poder ilimitado continuará na posse do capital, contra os princípios sociais das Encíclicas, e contra os princípios plebiscitados na Constituição de 1933. Existe uma combinação de moníaca maquinada por andróides,

pseudo-oposicionistas e por situação-nistas, para imporem uma «chantagem» financeira na metrópole e nos territórios ultramarinos. Desta forma, em vez do Estado dirigir a potência industrial a favor do bem comum, o Estado é dirigido pelo poder industrial em benefício dos interesses dos seus possuidores. Não interessa à organização oculta do capital, a mudança de cesarismo para uma democracia verdadeira, dentro dos princípios cristãos.

E a prova que isto é assim, viu-se na última campanha eleitoral, em que pseudo-oposicionistas, dirigidos pelo simoniaco, que passava os dias junto do Ministro do Interior, procuraram obstar que Sua Excelência o Senhor General Humberto Delgado, o General do Povo, fosse até à boca das urnas, para mais uma vez se verificar uma desistência da Oposição. Mais uma vez se conjugaram as 3 grandes forças do Salazarismo, a intriga, o dinheiro e a PIDE.

Como o nosso candidato honrasse o compromisso de ir até ao fim, surresse o que surresse, a PIDE desorganizou as Comissões de candidatura ao General Humberto Delgado, para obstar à culminação da campanha... Isto teria sido possível se não tivesse aparecido, no momento próprio, na hora H, o auxílio dos bravos componentes das comissões de S. Exa. o sr. dr. Ariando Vicente, que tão patrioticamente tinha resignado a favor da candidatura única. Desorientada, a gente de Salazar, o seu ministro do Interior, proibiu a fiscalização das urnas para poder roubar a Eleição...

O movimento era apropriado para a Revolução, mas os pseudo-oposicionistas, serviram a situação fazendo propar o perigo comunista, estabeleceram o receio no meio do exército e em certos espíritos fracos...

E' aqui, minhas senhoras e meus senhores, que podemos compreender o significado da Revolução de 5 de Outubro de 1910. A Revolução das Forças de Terra e Mar, comandadas por Machado Santos. A Revolução foi possível, porque os homens da 1.ª República que colaboraram com Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, Afonso Costa, António José de Almeida, Brito Camacho e outros, eram honrados. Não os movia a vaidade ou os interesses. Tinham concepções diferentes, mas nunca cultivavam a intriga, procuravam a unidade na pluralidade.

Compreendiam que um chefe é um homem, que tem a necessidade de outros homens. Compreendiam que a disciplina consiste em que o chefe seja obedecido, mesmo por aqueles que se julgam mais inteligentes.

A chamada de João Franco para exercer a ditadura, os adiantamentos à Casa Real, o roubo de votos, a fraude, os cadernos eleitorais falsi-

EM LIBERDADE

ficados pelos caciques, as violências e a fusilaria assassina sobre o povo, foram a causa da condenação real ao tiranicídio.

Hoje, em Portugal, como no tempo da monarquia, o povo é espoliado à bessa... As minas de ouro de Pedrono, os diamantes de Angola, as negociatas da SONEF, os desvios de dinheiro das caixas de «Previdência», do Fundo de Desemprego para fins diferentes, e muitos outros casos, são a prova da afirmação.

Hoje, como no tempo da monarquia, Salazar transformou em motim, as últimas eleições presidenciais, para prender, para encher as masmorras de desgraças, para ferir, para encher os hospitais, para matar, para esmagar o povo debaixo de tanques e das patas dos cavalos.

Sentir uma espécie de frição, de bem estar próprio das almas móbidas. Sentir o mesmo que o Ministro da Polícia, do tempo do Directorio, assassino e ex-seminarista como ele, ao mandar inserever nas portas dos cemitérios de França — «A morte é um sono eterno».

Salazar passará à posteridade, na História de Portugal, com o cognome de Fouché de Santa Comba, porque é o principal responsável por todos os crimes de assassinato praticados pela PIDE, pelas brutalidades, pelos martírios executados na metrópole, nas Províncias Ultramarinas, nas ruas, nas residências, nas masmorras da gestapo, às quais nem os sacerdotes escapam.

Sua Reverendíssima o Bispo do Porto, foi afastado da sua Diocese, e o Povo, que tanto o ama, desconhece o seu paradeiro. A Bíblia encerra a previsão de tudo que hoje se passa, e quantos remédios podem existir no mundo para todos os séculos. Assim diz o Génesis, das advertências de Deus a Noé: «A todo o que derramar sangue humano será derramado o seu sangue». Quando os assassinos se apoderam do poder, o mundo civilizado compreende que o sangue do povo chacinado, perde o sangue dos ditadores.

O Brasil é uma nação civilizada, é nossa irmã, e a doença de que hoje sofremos pode contaminá-lo... Não foi por acaso que o presidente Hermes da Fonseca estava em Portugal no dia 4 de Outubro de 1910. O 5 de Outubro foi o prelúdio da democratização da Península Ibérica, como o salazarismo foi o prelúdio da nazificação da Espanha e América Latina... A América Latina, embora viva dentro do Pan-americanismo, não pode esquecer que sua vida política e económica é influenciada pelos negócios públicos de Espanha e de Portugal. Franco foi o modelo inspirador de todas as ditaduras da América Latina, e Baptista não foi por acaso para Portugal... E cada elemento salazarista, dentro deste belo e hospitaleiro país, é um elemento de propaganda para a nazificação do Brasil. Hoje como outrora, o Brasil não pode ficar indiferente ao problema da libertação do Povo Português, ao qual está ligado pela raça, pelos costumes, pela língua, pela religião, pelo destino histórico e geográfico.



O jornalista Paulo de Castro proferiu um magnífico discurso.



Quando falava o dr. Rodrigo de Abreu.

Este destino só será realizado quando existir uma aliança total, entre Portugal e o Brasil, de alcance imponderável, de imensa perspectiva política do enquadramento atlântico, sem necessidade de qualquer espécie de renúncia à política externa e diplomática tradicional.

O único remédio para libertar das ditaduras os países da América Latina, é acabar o mal na origem: auxiliar o Povo Português a reconquistar as instituições que ganhou em 5 de Outubro de 1910.

Vou terminar pedindo que todos os democratas portugueses se mantenham firmes e unidos... Para que entrem todos, individualmente, para o «Movimento Nacional Independente».

Lembremo-nos que os nossos respeito humanos, e as nossas incompreensões, servem o Cesarismo, há trinta e três anos!

Terminando, o dr. Rodrigo de Abreu ergueu «vivas» a Portugal à República, ao general Humberto Delgado, ao dr. Arlindo Vicente e ao Eng.º Cunha Leal, no que foi secundado por todos os presentes.

Falou, por último, o escritor e jornalista Paulo de Castro, que traçou um quadro da República, abordando o «28 de Maio» e mostrando que a ditadura foi sempre a mesma, podendo haver arrependimentos mas não justificações válidas para o apoio a esse golpe intrinsecamente anti-democrático. «A revolução de 28 de Maio — disse — foi feita, não para salvar a Pátria, mas por uma oligarquia que pretendia apoderar-se do poder. A nossa luta é contra essa oligarquia e, portanto, contra Salazar. A ditadura foi, desde o início, sempre igual: prendeu, espezinhou e torturou o nosso Povo. É uma ofensa à nossa Pátria e exprime uma ofensa também à nossa Liberdade».

E a seguir: «A República, apesar das suas insuficiências e improvisações tem uma obra positiva que ninguém honesto pode desmerecer». Mostrou que o ditador tenta, inutilmente, isolar Portugal do movimento histórico actual contra as oligarquias e ditaduras: «Salazar é uma exercecência no domínio internacional. Nos tempos de hoje, pretende ainda fechar todo um Povo numa redoma de terror. Mas já nada representa, nem sequer para aqueles que o apoiaram. Se há silêncio em Portugal, esse silêncio é devido ao medo — nunca à concordância!».

Historiou o que tem sido a luta anti-fascista, salientando: «E' em Portugal, com o nosso Povo, que terá de ser resolvido o problema. Salazar é, afinal, um homem de sorte. O apoio do nazismo serviu-lhe para lançar as bases do seu fascismo corporativo, a guerra fria permitiu-lhe continuar no poder. No entanto a grande decisão será interna. Depois da campanha do General Hum-

berto Delgado, feita pelo Povo e com o Povo, que se deixou metralhar para que o líder democrata falasse, a Oposição terá de resolver internamente, os caminhos da batalha anti-salazarista. Deve, porém, salientar-se que através da sua campanha, o General Delgado interpretou o sentimento da libertação nacional.

Declarou, voltando a referir-se ao chefe do fascismo luso, que «Salazar não tem nomes internacionais à sua volta porque a mediocridade não pode criar génios». E quanto à luta dos democratas portugueses além-fronteiras, disse: «No Brasil, sempre lutámos, e de há muito. Mas precisamos de batá-las mais e melhor. Precisamos de unidade de luta, para darmos apoio à decisão principal. O «Portugal Democrático», órgão eminentemente liberal, representa a Oposição no Exterior a Salazar. Temos de o tornar maior. E temos de ser pacientes, persistentes, sem aspirações a lideranças, para criarmos meios que permitam e facilitem a tarefa comum».

Colocando à disposição dos democratas portugueses, a agência noticiosa «Prensa Latina», que dirige no Brasil, diz que também esta poderá auxiliá-los, especialmente em toda a América Latina, na divulgação dos nossos objetivos e no esclarecimento junto da opinião pública latino-americana. Chamou todos à colaboração com a Associação Luso-Brasileira que vai ser fundada no Brasil e concluiu com um apelo: «Venceremos a batalha contra a oligarquia salazarista. O nosso Dia não tarda».

PORTUGAL SERÁ LIVRE!

— proclamou o Comte. Sarmento Pimentel

Ao encerrar os discursos, o Comandante João Sarmento Pimentel, que voltou a ser longamente ovacionado pelos trezentos portugueses e brasileiros que participaram na cerimónia, agradeceu a presença de todos, em geral, e particularmente do Vice-Governador do Estado de São Paulo, sr. General Porphyrio da Paz. Acentuou que mais uma fase da luta, se inaugurava, entretanto, comemorada com o «5 de Outubro», pois é esta data, espézinhada por Salazar, que marca os sofrimentos do Povo Português, ao mesmo tempo que lembra também a esperança que todos temos na breve libertação de Portugal.

Declarou que temos de continuar unidos, neste combate principal que só terminará com a queda da ditadura. Prestou homenagem a todos quantos, desde 31 de Janeiro de 1991, têm derramado o seu sangue pela Pátria e pela Liberdade, terminando com a afirmação de que o salazarismo está na agonia.

«Portugal será livre!», terminou, o Comandante João Sarmento Pimentel.

SOME-TE, RATO!

Tratam-te os que te lambem e legitimam, por Sr. Presidente do Conselho. Chamam-te os que ainda acreditam nas Universidades, que degradaste, por Professor Doutor. No tempo em que eras fascista sem vergonha passavas por ser o Chefe, e os leonardos, teus chacais, escutavam a tua Palavra. Depois, quando inventaste a «democracia orgânica», gostavas que te apelidassem de Chefe... do Governo. Mas, no isolamento e no silêncio e na treva, que é o sítio vago onde estaria a alma que te fugiu aterrada com o cheiro de arganaz podre a que o teu cérebro e o teu coração fedem, tu sabes que não és nada disso. Presidente de quê? De um Conselho de lacaios? Chefe de quê e de quem? Dos assassinos e ladrões impunes que proteges, para que eles te protejam o couro ressequido que nunca terá conhecido para que dignidade e alegrias serve a carne humana? Professor de quê? Doutor em quê? Professor de desmoralização, de ceticismo, de corrupção, de crueldade, de hipocrisia, de blasfemia, de infâmia? Doutor em quê? Em técnicas de Censura e de Polícia, que são toda a tua política, toda a tua filosofia, toda a tua religião?

Some-te, rato! Mergulha de uma vez no esgoto de oito séculos de erros que te criaram e engordaram, como excremento que és, venenoso, esteril, impotente. Rato, apenas, rato.

As comemorações brilhantíssimas do 5 de Outubro em São Paulo, o que elas significam de unidade na luta democrática, o que elas projectam no futuro como esperança de dissolução sulfúrica da tua presença pestilenta, nada disso chegará aos teus ouvidos surdos, às tuas unhas negras da pele dos mártires que esfolaste, à tua cauda imunda, com que fustigas um dos mais gloriosos e heróicos povos da terra. Não lerás, também, porque és analfabeto e nunca leste nada, o telegrama em que os democratas reunidos para comemorar a Revolução que hoje simboliza a unidade de todos os portugueses, sem distinção de raça, religião ou credo político, na luta contra a tua baba peçonhenta, com que tens envenenado tanto patriota ingenuo que no Brasil honra o trabalho português, pedem a tua demissão.

E fazes bem, fazes bem. Tu não podes demitir-te, porque nunca foste nomeado. Tu és o símbolo da ilegalidade, da arbitrariedade, da injustiça, da opressão. Não te demitas, some-te! Some-te, rasteiro como nasceste, como subiste, como governaste, como imitaste nos teus discursos, laboriosamente vomitados, uma língua admirável que, rato que és, nunca soubeste falar. Some-te tal como viveste, com a mesma covardia com que mandaste assassinar, roubar, violentar. Some-te rato, com a tua bota de elástico, a tua pena de pato, a tua ceroula de fita, as tuas letras gordas, a tua finança de chócara, a tua economia de camponio, a tua política de traidores à Pátria. Some-te assim, rasteiro e mesquinho, como vieste! Some-te, rato! E que o ódio de um Povo, e o desprezo de todos os amantes da liberdade e da justiça, saibam esquecer o momento de nojo e de vergonha e castração que tu longamente foste, em mais de trinta anos de horror e reles mesquinhês. Que nem a tua pele piolhosa fique apodrecendo na memória das gentes, mais que como imagem da peste política e moral! Some-te, rato!



O "CINCO DE OUTUBRO" EM LIBERDADE

PORTUGUESES DO CANADÁ ESCRIVEM

CARTA ABERTA AO SR. SALAZAR

PERSONALIDADES PRESENTES

Alem dos srs. General Porphyrio da Paz, Vice-governador do Estado de São Paulo, Capitão Pais de Barros, em representação do Comandante Gera da Força Pública, Ten. Cor. Alves de Brito, Comandante dos Bombeiros, e de centenas de portugueses de todas as categorias sociais, fizeram-se representar no banquete as seguintes entidades:

Associação «General Humberto Delgado», pelo seu presidente em São Paulo, sr. Joaquim Abreu de Almeida Carvalhal; Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários, pelos srs. Osório Campos e Edmundo Teixeira; Grémio da Faculdade de Filosofia, pelo sr. Antonio Guimarães; União Estadual de Estudantes; Grémio da Faculdade de Medicina; Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, pelo sr. Augusto Betti; Associação Cívica de Liberdades Públicas e Direito do Cidadão; Associação das Classes Laboriosas; Associação de São Pedro do Pari; Associação Recreativa Candelária; Associação «Sacadura Cabral-Gago Coutinho» e muitas outras.

SAUDAÇÕES AOS DEMOCRATAS PORTUGUESES DE SÃO PAULO

Entre os inúmeros telegramas e cartas de saudações recebidos, destacamos o telegrama do sr. Presidente da República do Brasil, Dr. Juscelino Kubitschek, assim como uma carta do sr. General Humberto Delgado, lamentando não poder aceitar o convite do Centro Republicano de São Paulo para assistir às comemorações do «5 de Outubro», pois no mesmo dia presidiu a idêntica cerimónia, no Rio de Janeiro; telegramas do sr. Ricardo Seabra, indicando a sua «impossibilidade de comparecer por motivo de compromisso na comemoração do Rio»; do sr. Tito Miranda e Heitor R. Almeida solidarizando-se com os democratas portugueses de São Paulo; do sr. João Silvério Sobrinho, diretor da Guarda Civil de São Paulo; uma carta do presidente da Câmara Municipal de São Paulo, sr. William Salém, pedindo ao sr. Comte Sarmiento Pimentel «a fineza de transmitir aos nossos amigos e irmãos portugueses o meu abraço fraterno e meus agradecimentos pela gentileza do convite»; outra carta de saudação do democrata sr. Alameda de Andrade, do Rio; saudações do Vereador sr. Monteiro de Carvalho, etc.

PORTUGUESES DE CARACAS CUM OS DE SÃO PAULO

Assinado pelo Major Luis Cesariy Calafate e dirigido ao Comité dos Intelectuais e Artistas Portugueses Pró-Liberdade de Expressão, recebeu-se o seguinte telegrama de saudação dos portugueses de Caracas: «A Junta Patriótica Portuguesa associa-se calorosamente às comemorações do «5 de Outubro», enviando saudações democráticas».

SAUDAÇÃO DO DEPUTADO CID FRANCO

Grande amigo de Portugal, o deputado Cid Franco não pôde, como noutros anos, participar no banquete dos Republicanos Portugueses de São Paulo, pelo que enviou a seguinte carta:

«Não podendo comparecer ao banquete comemorativo da proclamação da República Portuguesa, cumprimento, com estas palavras, o Centro Republicano Português e todos os anti-fascistas que me honram com a sua amizade. Faço votos para que, no próximo banquete, possamos comemorar duas datas: a proclamação da República Portuguesa e a queda do salazarismo».

O PRESIDENTE KUBITSCHKE SAUDOU OS DEMOCRATAS PORTUGUESES

O «Centro Republicano Português» recebeu da Presidência da República do Brasil o seguinte telegrama de saudação, a propósito das comemorações que organizou em São Paulo do «Cinco de Outubro»:

«O sr. Presidente da República incumbiu-me de agradecer a gentileza do convite para participar no banquete comemorativo do 49.º aniversário da implantação da República em Portugal. Cordiais saudações».

Assinava o telegrama o sr. Coronel Nello Cerqueira Gonçalves, oficial do Gabinete do Presidente da República do Brasil, sr. dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

UMA CARTA DO EX-DEPUTADO CARNEIRO FRANCO

Ao sr. Comandante Sarmiento Pimentel, endereçou o ex-deputado dr. Carneiro Franco, prestigioso democrata português residente no Rio de Janeiro a seguinte e expressiva carta:

«Recebi o convite que V. Exa., como presidente do «Centro Republicano Português», teve a amabilidade de enviar-me para o banquete de confraternização comemorativo do 49.º aniversário da implantação da República em Portugal.

«Porque fui um dos poucos que ainda vivos, assistiram da varanda da Câmara Municipal de Lisboa à proclamação da República, calculará V. Exa., quanto prazer e alegria teria em assistir a essa comemoração na companhia de tão ilustres cotreligionários. Infelizmente o meu estado de saúde e motivos de ordem particular não permitem a minha ida a essa cidade, como do coração desejava; Peço-lhe, por isso, o favor de agradecer ao «Centro Republicano Português» a lembrança, e dar-me a honra de me representar nesse banquete».

O 5 DE OUTUBRO DEU-NOS UMA FUNDAMENTAL UNANIMIDADE

escreveu o Prof. Manuel Rodrigues Lapa

O Prof. Dr. Manuel Rodrigues Lapa endereçou ao comandante Sarmiento Pimentel a carta que abaixo transcrevemos:

Não me é possível, por mais de um motivo, assistir ao banquete de confraternização dos democratas portugueses, por motivo do Cinco de Outubro. Estou presente em espírito, na comemoração dessa jornada gloriosa, de tão grande significado para todos nós. Se fosse um dos oradores desse banquete, diria o seguinte:

Uma das lições que o Cinco de Outubro nos deu e convém ter de memória, foi a sua fundamental unanimidade. Os homens que já então, como hoje, pensavam diferentemente, lutavam e sofriam por um único ideal: derrubar a monarquia. É um exemplo que se impõe ainda hoje: repudiar tudo quanto pretende dividir-nos e lançar-nos unidos, à tarefa primordial, que é a implantação, entre nós, duma exemplar democracia. Nada e ninguém nos pode desviar deste caminho: nele está a dignidade, nele está a salvação. Apenas isto.

Com saudações cordiais a todos os amigos e correligionários, receba um grande e cordial abraço.

«FLASHES»

Dois telegramas, diferentes, mas ambos animados de um só ideal democrático, correram de mão em mão, tendo sido assinados por todos os portugueses que assistiram ao banquete: Um deles era endereçado a Salazar, dizendo-lhe que «a sua presença no governo é nefasta».

O outro, para o General Humberto Delgado, saudava-o como «o homem sem medo, o vencedor das últimas eleições, o representante da união dos portugueses democratas».

Diferentes, é certo, os telegramas, mas ansiando ambos pela redemocratização

Saudação ao General Delgado

Os portugueses que assistiram ao banquete comemorativo do «Cinco de Outubro», em São Paulo, enviaram ao sr. General Humberto Delgado o seguinte telegrama de saudação:

«Senhor General Humberto Delgado — Excelência. Os democratas portugueses de São Paulo, reunidos, como todos os anos, num banquete de comemoração do aniversário da gloriosa República Portuguesa, aproveitam a ocasião, como representantes de todas as correntes políticas portuguesas do Brasil, para saudar em V. Exa. o homem sem medo, o vencedor das últimas eleições, o representante da união dos portugueses democratas».

Encabeçavam as assinaturas, os nomes dos srs. Comandante João Sarmiento Pimentel, como presidente do «Centro Republicano Português», Paulo de Castro e Victor Ramos.

de Portugal — pelo fim da grande noite de tortura física e mental de todos os Portugueses.

Durante a cerimónia, foram distribuídas centenas de flâmulas, com as cores da Bandeira da República, evocativas do 49.º aniversário do «Cinco de Outubro». Todos quiseram fazer a bela recordação. A iniciativa bem merece ser continuada em todas as manifestações futuras dos Democratas Portugueses do Brasil.

O «Cinco de Outubro» realizou-se, em São Paulo, sob os auspícios do «Centro Republicano Português», organização que bem merece a atenção e o carinho de todos os portugueses e democratas. Esperamos que outras e grandes manifestações de confraternização venham a ser promovidas por aquele Centro Republicano de tão gloriosas tradições.

«O Homem da Noite» foi, sem dúvida, o Comandante Sarmiento Pimentel. Recebeu, merecidamente, as mais entusiásticas ovações. Jovem de setenta anos, o «Comandante» é um exemplo de dedicação à República, alicerçada ao longo de toda uma vida consagrada à Pátria e à sua Liberdade.

O jornalista Paulo de Castro deslocou-se expressamente do Rio de Janeiro para confraternizar com os democratas de São Paulo. Trouxe consigo as saudações dos republicanos que vivem na bela cidade da Guanabara e ofereceu a todos a sua palavra vibrante. O seu discurso, embora referido a Portugal, não deixou de considerar o nosso País no panorama mundial.

Ao banquete do «Cinco de Outubro» assistiram portugueses recém-chegados de Portugal, convictamente anti-salazaristas. Ficaram impressionados com o entusiasmo dos portugueses de São Paulo e convencidos de que, unidos, os portugueses do Brasil muito poderão contribuir para destruir o regime fascista de Salazar.

Nunca a Festa da República contou, em São Paulo, com tão elevado número de senhoras, como a deste ano a grande maioria dessas senhoras eram portuguesas e muitas tinham vindo de Portugal há pouco tempo. Sabiam, pois, de todas as angústias do nosso povo, pois as viveram também. Por isso, quiseram animar com a sua presença a Festa da Pátria.

O "5 DE OUTUBRO" EM BELO HORIZONTE



ASPECTO DA MESA DA PRESIDÊNCIA

BELO HORIZONTE — Os democratas portugueses residentes em Belo Horizonte reuniram-se num banquete, festejando a data gloriosa do 5 de Outubro. A comemoração do 49.º aniversário da implantação da República em Portugal uniram-se também democratas brasileiros. O almoço foi presidido pelo sr. Virgolino Pereira Vilhena presidente da «Associação Humberto Delgado», em Minas Gerais, ladeado pelo deputado Saulo Diniz e dr. José Nilo Tavares, presidente do Directorio Central dos Estudantes, e representante da

A noite na sede do DCE houve uma sessão solene assistida por grande multidão. Foram oradores aqueles três democratas e ainda o sr. Antonio Teixeira de Queiroz.

As duas cerimónias assistiram como convidados especiais, oficiais do gabinete do Secretario da Agricultura, Industria e Comercio do governo de Minas. Os jornais «Ultima Hora» e «Diario da Tarde», publicaram farto noticiário sobre as comemorações do Cinco de Outubro em Belo Horizonte. Circula, entre os democratas dessa cidade, uma mensagem com já numerosas assinaturas, dirigida ao ditador para que ele se demita no interesse da Nação.

HOMENAGEM A NEGRÃO DE LIMA
No dia 8, o Centro da Colonia Portuguesa, de Belo Horizonte ofereceu um banquete de homenagem ao ministro Negrão de Lima que em breve ocupará o cargo de embaixador de Portugal em Lisboa. A despedida de Belo Horizonte foi enviado ao novo embaixador um telegrama desejando-lhe um feliz desempenho no seu cargo, e exprimindo sua confiança no espírito democratico do novo embaixador. Em resposta, o dr. Negrão de Lima afirmou: «Tudo farei para exercer dignamente minha missão em Portugal no interesse das duas Patrias». imprensa.

tão aptos ao sacrificio pelas grandes causas. Eu acreditei em V. Exa., Vi em V. Exa. o salvador da Pátria. V. Exa. subiu ao pináculo da divindade.

Passou o tempo, veio o fim da guerra e começaram a sair as histórias das barbaridades praticadas durante a guerra, partien'amente nos campos de concentração alemã. Dei graças a Deus por termos ficado à margem da guerra, graças ao «homem providencial». Fiz-me membro da União Nacional e, falava alto e bom som, para quem queria ouvir e mesmo para quem não queria, defendendo o seu governo e a sua pessoa.

Passou mais tempo e vieram os filmes sobre os campos de concentração, a «gestapo», a falsidade de amigos e familiares, etc. Com incredulidade ao principio, espanto depois, e crescente revolta por ultimo, fui verificando uma série de semelhantes entre o que via projectado no «écran» e aquilo que observava na vida do nosso País.

Foi grande a minha desilusão; todos os meus sonhos de juventude não passavam de sonhos e a realidade estava ali nua e crua: O «Estado Novo» de Salazar não era mais do que uma caricatura da Alemanha nazí de Hitler.

Senhor professor, esta é, em poucas palavras, a minha história; esta é a história de milhões de jovens como eu. Este é o crime que a História lhe apontará, é o crime pelo qual Deus lhe pedirá contas, é o crime pelo qual a Nação Portuguesa clama justiça. V. Exa. mentiu, mandou amordaçar, assassinar e mutilar, forçou a expatriação ou escravizou milhões de portugueses.

Senhor Salazar, depois que me expatriei, corri meio mundo; ouvi, observei, estudei. Em 1930 nenhum país tinha mais estradas, edificios grandiosos, barragens, etc. do que nós tínhamos. Hoje todos os países os tem e, para tanto, não sacrificaram toda a população. Ao contrario, nestas maravilhosas democracias americanas o povo vive feliz, elaborando e beneficiando no enriquecimento dos seus respectivos países.

Em Portugal, a renda bruta aumentou, dizem as estatísticas oficiais. Para onde foi ela? pergunta o Povo. Não precisamos da resposta de V. Exa. ou de algum dos seus lacaios. Tampouco vou eu responder. O Povo já o sabe pela boca do homem cuja «projeção politica» está asecendo, pela boca do «Homem sem Medo», do homem que encarnou aquela revolta que eu sinto, aquela revolta que sentem todos os portugueses que tem a felicidade de compreender a tragédia do nosso País. O Povo já o sabe pela boca do General Humberto Delgado. O Povo já o sabe pela boca de muitos outros que, por serem honestos, deixaram de colaborar em tanta pouca vergonha e por isso são perseguidos pelos seus senhores. São perseguidos pelo unico crime de serem patriotas que, como eu e tantos outros, só anseiam por ver Portugal retomar o seu caminho tradicional de Nação progressista, civilizada e livre. Entretanto, o que vemos é um País de autômatos aterrorizados, de presos politicos torturados ou assassinados e de expatriados. Coramos de vergonha com os comentários que se fazem cá por fóra, onde não existe nem sombra do tal prestigio de Portugal tão apreçoado pela Propaganda, com excepção de artigos publicados em jornais ou revistas de pouca circulação e de escrúpulos fáceis de comprar.

Senhor professor, o fim desta carta não é fazer o libelo acusatório de mais de trinta anos de opressão, de tirania, de miséria, de vergonha. A justiça Divina, mais que a dos homens, se encarregará disso.

O fim desta carta é o de apelar para a sua consciência de homem, para a sua consciência de cristão. Senhor Salazar, páre, páre e não tanta maldade. A sua experiência de «estudioso» falhou. Não sacrifique mais as cobaias do seu laboratorio. Lembre-se que está usando seres humanos. Seja honesto e reconheça o seu erro. Não atire os seus colaboradores para o sacrificio ás mãos dum Povo farto e desbordante de revolta. Lembre-se da Revolução Francesa, lembre-se da Guerra Civil Espanhola, lembre-se da recente Revolução de Cuba, lembre-se da História que tantos exemplos lhe mostrará.

Senhor Salazar, faça a concessão da família portuguesa, por si já tão dividida. Limite-se a ser humano, limite-se a ser cristão, siga o exemplo de humildade e humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo — Senhor Salazar, demita-se!

Senhor professor, eu era menino na instrução primaria quando da ascensão de V. Exa. Entrei na «Mocidade», andei em paradas, levantei o braço, gritei até ficar rouco. Enfim, fiz todas essas palhaçadas e senti-me feliz. Era a idade dos sonhos, aquela em que os corações se

repete...

Senhor professor, eu era menino na instrução primaria quando da ascensão de V. Exa. Entrei na «Mocidade», andei em paradas, levantei o braço, gritei até ficar rouco. Enfim, fiz todas essas palhaçadas e senti-me feliz. Era a idade dos sonhos, aquela em que os corações se

I CONFERÊNCIA SUL-AMERICANA PRÓ-ANISTIA DOS PRESOS POLITICOS PORTUGUESES E ESPANHOIS

Realiza-se, no próximo mês de Janeiro, nos salões da União Brasileira de Escritores, cedidos pela referida entidade, a I Conferência Sul-Americana Pró-Anistia dos Presos Políticos Portugueses e Espanhois.

Essa iniciativa tem o patrocínio de individualidades de destaque na vida pública brasileira e deve ser coroada do maior êxito.

A Convocatória da I Conferência foi assinada por centenas de intelectuais, artistas, escritores, líderes estudantis e sindicais, deputados, vereadores, etc. Entre essas assinaturas figuram as de eminentes personalidades como sejam: professor Alípio Correia Neto, ex-reitor da Universidade de São Paulo, escritor Paulo Duarte; deputados Arruda Castanho, Antonio Mastrocolo, Magalhães de Almeida Prado e Jairo de Azevedo; Marcelo Coimbra Tavares, presidente da Federação dos Jornalistas Profissionais; Armando Martins de Azevedo e Marcos Reynaldo de Queiroz, presidente e Secretário da União Estadual dos Estudantes de São Paulo; Luiz Carlos Bettiol e João Carlos Rossi, presidente e secretário do Centro Acadêmico XI de Agosto e, ainda, Paulo Tótti e Arnaldo de Assis Mourthe, presidente e vice-presidente da União Nacional de Estudantes, e Martim Arrudão, presidente da UPES.

A ordem do dia dos trabalhos é a seguinte:

- 1 - A repressão por causas político-sociais em Espanha, vinte anos depois do fim da guerra civil:
 - a) - Existência de dezenas de milhares de presos políticos e de exilados por causas derivadas da guerra civil.
 - b) - Procedimentos repressivos contrários aos direitos humanos mais elementares.
 - c) - Atuação de Tribunais Militares especiais na consubstanciação de processos por motivos político-sociais.
- 2 - A anistia total para os presos político-sociais e para os exilados, necessidade ineludível para a convivência dos espanhóis e para reparar as feridas causadas pela guerra civil.
- 3 - A repressão em Portugal - suas características políticas, sociais e económicas.
 - a) - Da arbitrariedade e desumanidade dos processos repressivos
 - b) - Das penas aplicáveis aos movimentos reivindicativos de carácter económico e social
 - c) - Das "Medidas de Segurança" aplicáveis a delinquentes de opinião e a actuação dos "Tribunais Plenaes".
- 4 - Necessidade de pôr fim às perseguições político-sociais e da concessão de anistia a todos os presos e perseguidos políticos portugueses como condição indispensável à concórdia nacional.
- 5 - Adoção de decisões adequadas para a melhor expressão da solidariedade americana com os presos e perseguidos espanhóis e portugueses.

O temário dos Pontos 3 e 4 da Ordem do Dia é o seguinte:

- Necessidade de esclarecer a opinião pública mundial, e em especial a dos Povos Latino-americanos do carácter arbitrário e das formas repressivas da ditadura salazarista.
- Denúncia das violações infringidas à Constituição Política Portuguesa, às obrigações resultantes de membro da ONU e da OTAN e de participante do BIT, pelo governo de Salazar.
- Denúncia das arbitrariedades do processo jurídico e, em geral, da violação dos direitos humanos mais elementares.
- Situação actual dos presos político-sociais portugueses.
- Objectivos imediatos da solidariedade sul-americana aos perseguidos e presos políticos portugueses.
- Levantar os organismos internacionais pertinentes a tomar a defesa desta causa humana e justa.
- Designação de uma comissão de juristas, parlamentares, jornalistas e trabalhadores que vá a Portugal pedir ao governo de Salazar que satisfaça o desejo dos povos latino-americanos, pondo fim às perseguições políticas e concedendo anistia a todos os presos político-sociais e exilados portugueses.
- Mobilizar a opinião pública dos Países Latino-americanos e as colónias portuguesas neles radicadas, em termos seguintes objectivos:
 - a) - Que cessem em Portugal as perseguições por delitos de

- opinião, razões políticas e sindicais.
- b) - Que tendo em conta a monstruosidade da aplicação de "medidas de segurança" a presos por delitos político-sociais e de opinião, sejam as mesmas revogadas.
- c) - Que se suprimam os tribunais de excepção ("Tribunais Plenaes")
- d) - se conceda uma total anistia aos presos políticos e exilados portugueses.

Carta do Bispo do Porto a Salazar

A fim de atender a centenas de pedidos que, de toda a parte, continuam chegando à Administração de "PORTUGAL DEMOCRÁTICO", este jornal fez editar, em separata, a discutida "Carta" que Sua Exa. Revma. o Bispo do Porto endereçou, há meses, a Salazar. Com efeito, o número de "Portugal Democrático" em que foi inserida aquela "Carta" encontra-se esgotado.

Devem, pois, os democratas portugueses que desejem guardar - e divulgar - o importante documento, solicitá-lo, desde já, à Administração de "Portugal Democrático", Rua Conselheiro Furtado, 191, sala 2 - Caixa Postal 5294 - São Paulo - Brasil.

SALAZAR FROIBIU A REVISTA BRASILEIRA «LEITURA»

Mais um atentado contra a Imprensa do Brasil acaba de ser cometido pelo governo ilegal de Salazar, depois das expulsões dos jornalistas brasileiros Domingos De Lucca e Wilson Aguiar.

Com efeito, o ditador fascista proibiu a venda em Portugal da revista "Leitura", do Rio de Janeiro, em virtude de esta ter divulgado a mensagem de solidariedade dos intelectuais brasileiros ao Embaixador em Lisboa, Escritor Dr. Alvaro Lins. Recordar-se que a referida mensagem foi assinada por mais de 400 escritores e artistas do Brasil.

E, assim, o monstro de Santa Comba vai "construindo" a sua demagógica Comunidade Luso-Brasileira! Comentários? Valeriam apenas para quem não conhecesse o "paraíso salazariano" - e o Mundo já o conhece!

"Portugal Democrático", ao mesmo tempo que protesta vigorosamente contra este crime de Salazar, oferece ao Director, Redatores e Colaboradores de "Leitura" a sua total e irrestrita solidariedade.

Salazar - o "rato"

Em virtude do êxito que vêm obtendo, junto dos nossos leitores do Mundo inteiro, as caricaturas de Salazar, o "rato", que estamos publicando, a todos informamos que vai ser editada muito em breve uma "plaquete" que reunirá uma dezena dessas caricaturas.

Desde já, aceitam-se pedidos na Administração de Portugal Democrático, (Rua Conselheiro Furtado, 191 - Sala 2 - Caixa Postal, 5294 - São Paulo - Brasil). Para esta edição, chamamos a especial atenção dos nossos leitores de Canadá, Venezuela, Argentina, França e Brasil, anteladamente agradecendo aos representantes do nosso jornal que vão preparando os seus pedidos.

«CARTA ABERTA A SALAZAR»

Pelo Cap. Henrique Galvão. A partir do próximo número, "Portugal Democrático" iniciará a publicação da já famosa «Carta Aberta a Salazar», do Capitão Henrique Galvão, documento que provocou as fúrias do ditador e o desespero dos agentes da PIDE que, a todo o transe, quiseram prender «os responsáveis» pela sua impressão e difusão.

O nosso jornal fará, posteriormente, uma separata da «carta aberta», devendo todos os nossos leitores e particularmente os representantes de «Portugal Democrático» indicar, desde já, os exemplares que desejam do notável documento.

Congresso dos Democratas Portugueses

A preparação das comemorações do "5 de Outubro" exigiu, naturalmente, uma ligeira pausa nos trabalhos visando a realização do Congresso dos Democratas Portugueses, marcado para 31 de Janeiro em São Paulo. Entretanto, os diversos membros da comissão executiva já reiniciaram as suas reuniões, prosseguindo no envio de cartas-convites a centenas de democratas portugueses (escritores, cientistas, professores, economistas, etc.) que vivem espalhados pelo mundo, nomeadamente em Portugal.

De vários países, já chegaram pedidos de informações, assim como valiosas adesões. Quanto às informações, de novo esclarecemos que podem e devem remeter as suas teses todos os portugueses que entendam colaborar, com os seus estudos, na causa da Democracia Portuguesa, quer no presente quer no futuro.

Conforme anunciamos, o temário do Congresso é o seguinte:

- I - Educação e Cultura. II - Economia (Indústria, Comércio e Agricultura). III - Ultramar. IV - História da República. V - Democracia, Liberdade e Direitos do Homem. VI - Comunidade Luso Brasileira. Quaisquer outros estudos que se revelem de interesse para Portugal, embora não abrangidos especificamente no temário, serão igualmente aceites.

As teses devem ser remetidas à Comissão Executiva do Congresso dos Democratas Portugueses (Rua Conselheiro Furtado 191, sala 2 - Caixa Postal 5294 - São Paulo - Brasil), recomendando-se aos interessados que residam em Portugal que averiguem dos meios mais seguros de fazerem chegar os seus trabalhos à Capital Bandeirante.

"Paternalíssima" e fraterna a censura salazarista

O "Diário da Noite", de São Paulo (da cadeia do sr. Assis Chateaubriand) publicou em 16 de Outubro findo uma curiosa reportagem, assinada por Matos Pacheco, a propósito da estreia em Lisboa da peça "Gimba", representada pela companhia de Maria Della Costa.

"Até quarenta e oito horas, escreveu o jornalista antes da estreia, praticamente não existia a certeza, a segurança da realização da temporada. A censura liberou praticamente sem cortes, a peça de Gianfrancesco Guarnieri. Mas a sua decisão somente foi anunciada na noite de domingo, depois do ensaio geral. Antes de ser vista pelos censores do Secretariado Nacional de Informações, foram proibidos até os anúncios da peça, nos jornais, afixação de cartazes, divulgação de fotografias. Nenhuma publicidade em torno de "Gimba", até mesmo na fachada do teatro. Apenas anunciava-se a presença de um elenco brasileiro, em Lisboa, os nomes dos seus componentes. Mesmo a data da estreia somente pôde ser divulgada depois do ensaio. Em dois dias, liberado "Gimba", foi organizado todo o programa, feitos os convites, anunciado e espetáculo.

Meia hora depois de aberta a bilheteria, as três primeiras recitas de "Gimba" estavam esgotadas".

Serão necessários comentários sobre a mui paternal (e fraterna) censura de Salazar e seus policiais?

Centenário da "Beneficência Portuguesa"

Acaba de comemorar 100 anos de excelente ação, a Beneficência Portuguesa de São Paulo. Fundada em 1859, a benemérita associação não tardou a ampliar a sua atividade, nomeadamente no campo assistencial, possuindo hoje um dos melhores hospitais de toda América Latina.

"Portugal Democrático" associa-se às manifestações de regozijo que assinalaram o centenário da fundação da "Beneficência Portuguesa".

As comemorações do "5 de Outubro" em Buenos Aires... e o medo

Só por excesso de optimismo ou óca farófia se poderá negar que não tenha surtido efeito sobre as almas - e inclusivamente sobre algumas em que se poderia esperar certa resistência - o propósito expresso de Salazar de dominar os portugueses pelo medo e de reduzi-los a uma massa dócil exclusivamente destinada a obediência à política e ao pagamento dos impostos.

Mais um exemplo dessa obra do ditador de Santa Comba: Um grupo de portugueses ditos democratas resolveu comemorar este ano o 5 de Outubro, reunindo-se num almoço com quantos quisessem inscrever-se para o mesmo fim. E anunciaram na imprensa o seu propósito, abrindo a inscrição a todos os portugueses. Não haveria lugares privilegiados nem protocolo especial.

Para a realização do almoço escolheram a sede do chamado "Clube Português" que lhes cedeu, sem por isso se aliar às comemorações, um salão onde cabem a vontade umas centenas de pessoas.

O "Clube Português" é na verdade da sua acção, uma dessas organizações párias, sem objectivos definidos e que só pode chamar-se português porque os seus sócios nasceram de facto em Portugal e cultivam o ballarico salão. Individualmente, todos estes sócios, mais ou menos se dizem democratas e não ocultam, nas suas conversas e desabafo, em surdina, a sua aversão a Salazar e ao Estado Novo. No edifício sede, não há retratos do ditador nem dos seus chefes de Estado, fundado graças à generosidade de um homem dinheirinho, dela depende mais ou menos. Este homem, que também não era devoto de Salazar, foi castrar certos, valiosos de escassa cultura e abundante prosapia. E o Clube não teve remédio senão assalarizar-se um pouco - senão com entusiasmo, pelo menos sem resistência para ignorar os embaixadores, consules e outros quejandos que têm por missão no estrangeiro apoderar-se destas coisas para o patrão.

Anunciado o almoço, inscreveram-se numerosos portugueses - muitos mais do que seria de esperar em colónia tão pouco numerosa e tão dispersa - e, entre estes, naturalmente só como simples português, o capitão Henrique Galvão. O dia destinado à comemoração era o de 4 de Outubro, por ser Domingo. No dia 4, portanto, o cap. Galvão que aliás não sabia que existia um Club Português, pois este nunca derá perante ele sinal de vida, nem para lhe oferecer uma espécie de asilo na Argentina correspondente ao que a própria Argentina lhe havia concedido, apresentou-se no lugar que lhe havia sido indicado (Rua Pedro Goyena 1468 e mais nada) para com os seus compatriotas comer o almoço e recordar a patriótica data.

Minutos depois de aí estar, então sabendo já que o edifício era o de um Clube chamado português, e afilivamente procurado por um compatriota, que se apresentou como director do jornal "Ecos de Portugal", democrata intransigente, vítima de Salazar, etc., e lhe pediu uma entrevista à pureza. Chama-se Luciano de Sousa - e escrevia há uma dezena de anos artigos furibundos contra o Estado Novo. Isolados num gabinete do Clube, mas, visivelmente, com muitos outros à escuta, o homem democrata Luciano de Sousa, que era ao que parece, um dos organizadores do almoço, expõe afilivamente o seguinte: Consta (consta só) que muitos portugueses tendo conhecimento da inscrição do cap. Galvão, tentavam transformar a comemoração num acto violento apoiando o asilado político clamorosamente, se ele discursasse. E o excelente democrata estava muito preocupado com a possibilidade dessas manifestações, pois a direcção do clube temia que um acto muito claramente político desse lugar a represálias do consul ou do Embaixador e até a vingança de Salazar sobre as famílias de cada um em Portugal. Desejava por consequência que o cap. Galvão não abrisse bico. Ao mesmo tempo, é claro, dizia-se deslocado, censurava o medo que a todos paralisava e prometia que para o ano as comemorações se realizariam em local em que pudessem falar à vontade.

O cap. Galvão ouviu-o até ao fim sem pestanejar. Apenas objectou em certa altura:

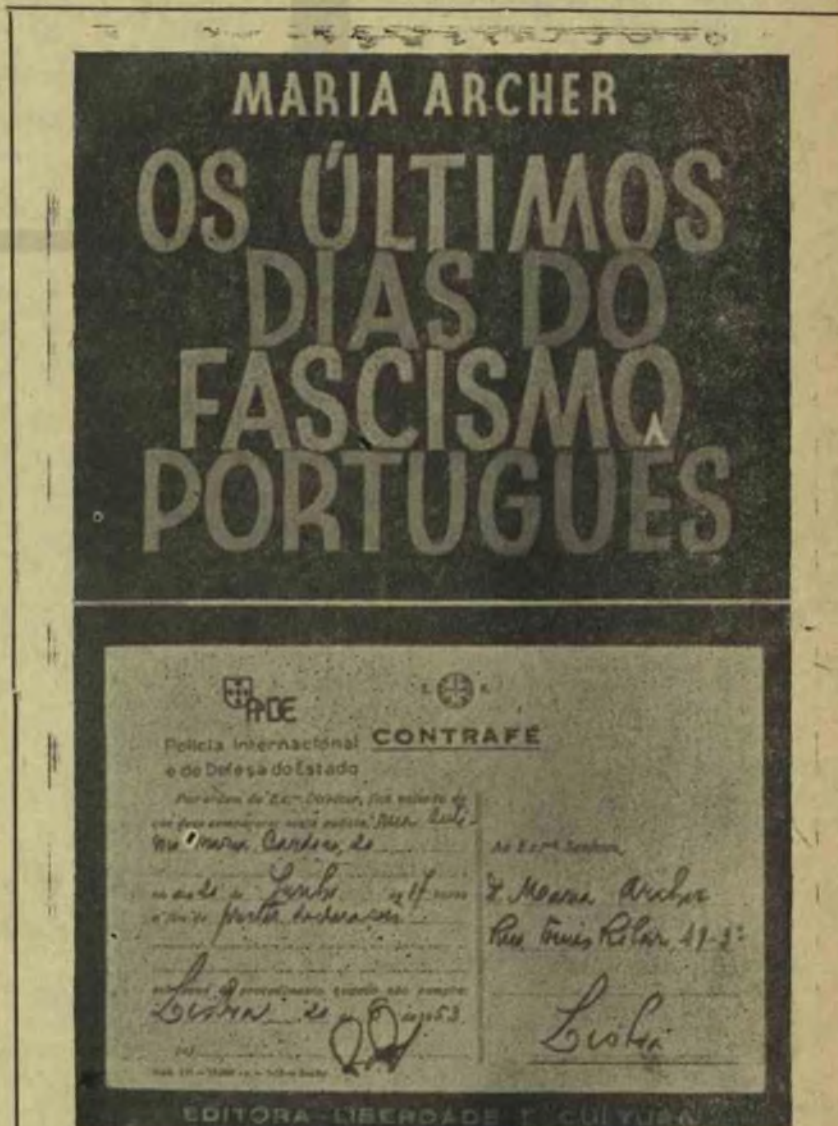
- A data de 5 de Outubro sendo nacional é também uma data política. Como o Estado Novo tem procurado por todos os meios fazê-la esquecer, o simples facto de aqui virem comemorá-la é um acto político de oposição.

Concordou que assim era - mas, que fazer, se tinham medo que o cap. Galvão discursasse.

O cap. Galvão depôs sobre a mesa o seu cartão de inscrito e, serenamente, ripostou:

- Aqui está o meu cartão. Não quero assistir a este almoço. Estou farto de cobardias até aos gorgomilos. Aqueles que receiam uma manifestação política, não receberam esta manifestação de cobardia. Por pura repugnância não poderia sentar-me à mesa em que os senhores vão sentar-se. Passem muito bem.

E apesar de todas as instâncias, o capitão Galvão saiu. Acompanharam-no muitos portugueses - os intimoratos. E os outros, liderados pelo excelente democrata que é o Sr. Luciano de Sousa, ficaram para a comemoração puramente estomacal.



Deve ser posto à venda, dentro de poucos dias, o anunciado livro da escritora Maria Archer, nossa prezada colaboradora, sobre "OS ÚLTIMOS DIAS DO FASCISMO PORTUGUES", de que reproduzimos (clichê) a capa. O custo é Cr\$ 200,00, podendo ser adquirido nas principais livrarias de São Paulo e do Rio de Janeiro, assim como na Administração de "Portugal Democrático" (Rua Conselheiro Furtado 191, Sala 2 - Caixa Postal 5294 - São Paulo - Brasil). Aos representantes deste jornal se agradece façam sem demora as requisições desta obra que revela alguns dos aspectos mais sensacionais (e escandalosos) do processo movido por Salazar ao Cap. Henrique Galvão.

